

## TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL: O DESAFIO DE APRENDER A APRENDER

CLAUDINET ANTONIO COLTRI JUNIOR \*

### Resumo

Analisou-se a utilização de músicas e de vídeos como ferramentas no processo de aprendizagem, levando-se em consideração as quatro fases pelas quais as pessoas passam para adquirir nova aprendizagem (ignorância, iniciação, domínio e hábito) e a importância do aprendizado livre, ou seja, um aprendizado não imposto, mas discutido, analisado, priorizando as crenças e valores dos alunos/trabalhadores. A pesquisa foi realizada com duas turmas de alunos universitários –todos trabalhadores–, na disciplina de Práticas Gerenciais e Negociação, em Cuiabá/MT e em São José do Rio Claro/MT . Os resultados demonstraram que ambas as ferramentas auxiliam no processo da real aprendizagem–internalização do conteúdo.

**Palavras-chave:** aprendizagem, recurso metodológico, treinamento, desenvolvimento.

### Astract

The use of songs and videos as tools in the learning process has been analyzed, taking into consideration the four phases people go through in order to learn something new (ignorance, initiation, mastering and habit) and the importance of free learning, i.e., that which was not imposed, but, on the contrary, was discussed and analyzed, considering the students' / workers' beliefs and values. The research was carried out with two groups of university students (all of them also workers), who were taking the discipline Managing Practices and Trade Negotiation, the former a class of sixteen students, in Cuiabá/MT, and the latter a class of thirty students in São José do Rio Claro/MT. The results revealed that both tools were useful in the process of true learning –internalization of contents.

**Keywords:** learning, methodological resources, training, development

### INTRODUÇÃO

Vivemos, nos dias atuais, e há algum tempo, um problema de aprendizagem no âmbito empresarial. Talvez esse problema venha desde a época de Taylor e Faiol, quando se deu início à especialização ao extremo, tema bem retratado no filme Tempos Modernos, de Charles Chaplin. (Chaplin, s.i.)

As escolas, no mais das vezes, têm por objetivo ensinar, mas se esquecem de ensinar como aprender. É preciso aprender a aprender.

O problema do aprender a aprender é que quase todos os homens ocidentais passaram por um tipo de formação básica que não facilita a aprendizagem enquanto à época adulta. Segundo Marco Aurélio Vianna, nós não fomos educados para aprender a aprender. Fomos

---

\* Pós-graduado em Gestão de Pessoas para Qualidade pelo UNIVAG, professor e coordenador de cursos Tecnólogos do UNIVAG.

educados para fazer prova. (Seja amigo da mudança, s.i.)

O fato é que, segundo pesquisa apresentada pelo autor, no vídeo citado, nos Estados Unidos da América, apenas 8% do conteúdo trabalhado em treinamentos empresariais são em verdade, aproveitados pelas pessoas na empresa. O resto se perde pelo caminho. É muito tempo e muito dinheiro desperdiçado pelas empresas em treinamento.

Então, a vivência do que é trabalhado no aprendizado é fator fundamental na educação. Toda aprendizagem, para ser aprendizagem, tem que se formar em, e se tornar um hábito.

Segundo James Hunt, para se formar um hábito, passamos por quatro estágios: inconsciente e sem habilidade, consciente e sem habilidade, consciente e com habilidade e inconsciente e com habilidade. (2006, p. 90-91)

No primeiro estágio, as pessoas não têm consciência do que tem que se fazer, nem habilidade. É o estágio de plena ignorância –ignorância no sentido do não-saber, do desconhecer, de ignorar, e não no sentido de um comportamento inadequado–. É nessa fase que a maioria das pessoas chega a um treinamento para determinada técnica ou teoria. Nessa fase, a pessoa não tem a noção exata do que vai aprender, ou seja, não sabe o que vai aprender, nem sabe como fazer com o que vai aprender –até por não saber o que é–.

O segundo estágio do hábito é ter consciência do que fazer, mas ainda não ter habilidade para executar a tarefa. Em treinamento, é quando se assimila a teoria, mas não se tem a prática. É preciso, ao menos, fazer uma vez, para aprender a fazer.

O terceiro estágio da formação de um hábito é ter consciência do que se deve fazer e precisar usar da consciência para poder executar a tarefa. Em treinamento, é quando se vivencia à primeira vez, um assunto ou técnica, e já se utiliza, aprendendo o que fazer e como fazer. Pode ser o fazer pela segunda vez.

O quarto estágio da formação do hábito é a fase da real aprendizagem. Nesse estágio, as pessoas sabem o que fazer e sabem fazer, mas não precisam mais pensar para fazer. O assunto está internalizado, faz parte da pessoa. Dificilmente se chega a esse estágio em um treinamento. Esse estágio só é alcançado quando o superior direto gerencia o processo de aprendizagem e verificam-se os resultados da aprendizagem no dia-a-dia da empresa. A repetição da tarefa nos coloca nessa situação de aprendizagem.

É preciso assimilar para poder fazer bem. Isso tem que ver com a passagem do nível três, da formação de um hábito, para o nível quatro. Como doar aquilo que não é seu? Não é possível.

A formação de um hábito, portanto aprendizagem real, passa por esse caminho. É preciso dar tempo para atingir a real aprendizagem. É a lei natural.

Nesse caminho, não há como intervir diretamente. Da mesma forma que não se pode fazer uma planta crescer, da mesma forma como um médico não cura uma doença, não se pode fazer nascer conhecimento na cabeça das pessoas. O que se pode fazer é interferir no ambiente.

No caso do aprendizado, o facilitador também atua apenas no ambiente. Cuida de formas e técnicas de comunicação para que a pessoa possa compreender e analisar melhor o conteúdo transmitido. O facilitador precisa ter claro, em sua mente, os quatro estágios de formação de um hábito por que passam as pessoas em um aprendizado. É sua função fazer com que estas tenham subsídios para chegar ao quarto estágio, transformando o aprendizado em um hábito.

A pesquisa realizada, objeto deste estudo, tem por intento demonstrar a importância da utilização da música e do vídeo como componente fomentador da criação de um hábito de aprendizagem.

Parte-se do princípio da percepção. O ser humano só consegue entender algo, se tiver contato com alguma coisa que já sabe ou que se relaciona com o que sabe, ou, ainda, desde que consiga fazer uma ligação do novo como alguma coisa que crê. No mais, o que se recebe de informação, não faz sentido, e sente-se uma dificuldade imensa para passar da fase I do aprendizado (ignorância) para a fase II (iniciação). É preciso muita motivação para mudar de fase de aprendizagem nesse momento. O facilitador necessita recorrer a muita habilidade, para conseguir um ambiente de aprendizagem que atue, efetivamente, na mente de cada uma das pessoas que se encontram neste estágio.

Cláudia Riecken (1999) cita Grinder e Blander, os quais dizem que nosso cérebro possui três processos universais de aprendizagem: generalização, seleção ou eliminação, e distorção ou alucinação. É com o processo de generalização –base dos outros dois estágios descritos pelos autores– que vamos trabalhar neste contexto.

O cérebro humano generaliza tudo o que vivencia, de uma a seis vezes. Por meio da busca da coesão e da lógica, ele necessita dessa generalização para transformar algo em verdade. Para aprendizagem, então, torna-se importante a utilização de instrumentos e habilidades para provocar a generalização do conteúdo. Generalizando, o que foi trabalhado pode virar nova crença, ou substituir uma já existente nos alunos/trabalhadores.

Mas é também importante levar em conta que a generalização deve partir da pessoa, do aluno/trabalhador, ou seja, mais que transmitir o conteúdo e dar instrumentos para a

generalização, é preciso que o aluno/trabalhador sinta a importância, para ele, deste conteúdo e o internalize da sua forma, do seu jeito, com independência de pensamento.

## **A MÚSICA E O VÍDEO COMO AUXILIAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

Em um primeiro momento, a utilização da música ou do vídeo, auxiliares na aprendizagem, tem como base o princípio da generalização. Depois de mostrado o conceito, a teoria, coloca-se uma música—com a letra para acompanhamento—, ou um vídeo, pequeno, que diga algo a respeito daquele tema.

Um exemplo: ao trabalhar um conteúdo de liderança, pode-se falar da diferença entre tratar as pessoas como gente ou como meros animais—como alguns “chefes fazem” —. Para mostrar isso na prática, pode-se trabalhar a música Disparada, de Théo de Barros e Geraldo Vandré, no que ela diz: “Porque gado a gente marca, tange, ferra, engorda e mata, mas com gente é diferente”. (2003)

Como exemplo da utilização de vídeo, pode-se falar também sobre liderança. Pode-se trazer um conceito de como o líder deve se comportar em uma situação de crise. Em primeiro lugar, pode-se dizer que ele não tem que fazer nada para ninguém, tem apenas que ensinar o caminho. Aí, podem-se ilustrar os conceitos com o vídeo Vida de Inseto (2000). Logo na primeira cena do filme, cai uma folha no caminho das formiguinhas, fazendo com que estas percam a direção —já que estas se guiam pela formiga que está à sua frente. A formiguinha que tem seu caminho interrompido, desespera-se por ter perdido a trilha, mas aí chega o líder e, com calma, mostra-lhe que basta apenas ela dar a volta na folha. Ele não tira a folha, tampouco pega o carregamento da formiguinha para levar, mas apenas mostra-lhe o caminho.

Ao trabalhar assim, generalizam-se os conceitos, pois trabalha-se com eles por duas vezes. É importante também, ao mesmo tempo, fornecer exemplos aos alunos/trabalhadores sobre como é importante fazer *links* mentais, de modo que se observe na arte, na vida, no todo, a verdade, ou não, do conceito apresentado.

Na seqüência, é importante solicitar que a pessoa traga um trabalho com o conceito trabalhado, fazendo outro *link* com outra obra —música, poesia, vídeo— que traga o conceito como verdadeiro, ou uma obra que possa mostrar outro lado, um conceito diferente que discorde daquele apresentado em aula, ou que lhe acrescente algo.

## **A MÚSICA**

Quando as pessoas ouvem e interpretam uma música, forma-se uma imagem, em seu

interior, da história que ela conta ou da interpretação que faz. A mente humana não distingue a realidade da fantasia, e a música mostra isso claramente. O imaginário atua como uma grande realidade. Aquilo em que está pensando é como se fosse real, sente-se o cheiro, o sabor, ouvimos os sons, como ilustra a canção *A Estrada*: "quando bate a saudade eu vou pro mar, fecho os meus olhos e sinto você chegar". (Cidade Negra, 1999, faixa 4)

A música também tem forte poder de atuação no imaginário humano. São frequentes os relatos de quando uma pessoa ouve uma música do passado, desliga-se da realidade e passa como que a reviver determinado momento que ela marcou em sua vida.

A música *Equalize* também nos mostra esse fenômeno:

*“Às vezes se eu me distraio, / se eu não me vigio um instante / Me transporto pra perto de você, / Já vi que não posso ficar tão solta / Me vem logo aquele cheiro, / Que passa de você pra mim, num fluxo perfeito”*. (Pitty, 2003, faixa 4)

Quando se presta atenção à música, a partir do "*não posso ficar tão solta*", tudo se passa no imaginário da intérprete, já que ela diz em outro passo: "*se não me vigio um instante, me transporto pra perto de você [...] me vem logo aquele cheiro que passa de você pra mim*". (2003, faixa 4)

Ao se transportar –imaginariamente– para perto do amado, tudo passa a ficar real na cabeça dela e de quem ouve a música. Tudo é tão real em nossa mente que até nós, de fora, que não participamos da experiência vivida, percebemos, em um primeiro momento, que ela está descrevendo um acontecimento presente. No entanto, ela descreve um acontecimento passado. É seu imaginário fazendo com que ela reviva um momento marcante. Então, esse momento não é passado, é revivido, é presente. Sente-se o cheiro, o movimento, o sabor, vê-se a cor dos olhos, sente-se o amor presente.

A música, por si só, é uma obra de arte muito diferente das outras. É uma obra intangível, uma obra que não existe até que alguém a execute. É uma obra de dois autores. O que a compôs e o que a executa. Pode-se tomar como exemplo uma música interpretada por dois cantores diferentes. Cada um coloca o seu EU na interpretação, e cada interpretação sai diferente. O mesmo intérprete, talvez nunca consiga repetir a mesma interpretação para a mesma música. Então, uma música só existe, de fato, no momento em que alguém a executa. De outra forma ela não existe, pode ser apenas um pedaço de papel com inscrições–partitura–, pode ser uma chamada "mídia" que se vê, mas não existe enquanto não é executada.

Como diz Marcos Ferreira Santos:

*“A música tem a capacidade de nos remeter a um outro tempo e a um outro espaço. Quando nos damos conta, a experiência musical, ao finalizar e continuar apenas na ressonância da caixa torácica do espírito permite-nos voltar ao tempo cotidiano e cronológico e retornar(...) Se a obra musical ou literária principiam por nos mostrar outro tempo, também nos remetem a um outro espaço e nos preenchem de configuração imaginética. Imagem arrasta imagem e, de metáfora em metáfora, vemo-nos como uma sintaxe de metáforas”. (2000, p.61)*

Percebe-se esse fato quando se está em uma festa e, ao tocar uma música antiga, as pessoas começam a relembrar outra, e a relembrar outra e mais outra. As imagens do passado vão ficando vivas na memória e vão se sucedendo. Continua: *“A obra, ao ser experienciada, é recriada pelos órgãos da sensibilidade que, por sua vez, são amplificadas pela experiência”.* (Santos, 2000, p.61)

Além de tudo, esse momento fica guardado na lembrança. Quantas experiências já relatadas de pessoas que, por exemplo, ligam o rádio e, ao tocarem uma música, dizem ser remetidas a momentos marcantes em sua vida –alegres ou tristes. É um fenômeno que ocorre com muitas pessoas. É fenomenológico. Todos têm uma música, ou várias, que tocam em seus corações. O próprio cantor Fábio Jr. é exemplo. Ele, declaradamente, sente dificuldade imensa em cantar sua própria música, "Pai", que foi tema de antiga novela, "Pai Herói". Ao cantar a música, ele é remetido a alguma experiência que teve –ou que desejava ter tido– com seu pai, e isso o emociona. É como se ele revivesse aquele momento–e na mente não é como, ele revive aquele momento.

Segundo o psiquiatra Tito Cavalcanti, a música mobiliza conteúdos do inconsciente e aflora as emoções. Diz ainda:

*“A música resgata vivências anteriores de dor ou alegria e as reúne com outras vivências semelhantes, estabelecendo pequenos laços que montam o quebra-cabeça de quem somos e de quem estamos construindo em relação a esses sentimentos”. (Revista Vida Simples, 2006, p. 52)*

E o que é a aprendizagem se não a construção de nosso ser? A cada aprendizagem nova, muda-se ou reafirma-se o sistema de crenças das pessoas, aumenta-se o poder de

percepção, a capacidade de resposta para os problemas da vida. A aprendizagem permite ao ser humano que hoje seja melhor que ontem e, amanhã, seja melhor do que hoje. A música tem papel fundamental nessa capacidade do ser humano aprender livremente.

Aprender livremente lhe dá a capacidade real de escolha. Pode-se dizer que um ser humano passa a ser ele mesmo. É como diz Guilherme Arantes na música Campos de Morango: "*meu amor, o que eu sou é o que eu escolhi*" (1995, faixa 9). A aprendizagem livre nos dá esse poder. A música, por ser interpretativa e oferecer um tempero especial para sê-lo, oferece a possibilidade da livre aprendizagem. Não se conseguirá formar profissionais criativos, adaptáveis às mudanças, fomentadores de novidade, se não houver pessoas que consigam aprender livremente, que consigam fazer seus *links* mentais entre conhecimento, culturas e erudição, criando assim a sabedoria.

Segundo o professor de Lingüística e Semiótica da Universidade de São Paulo (USP), igualmente compositor, Luiz Tatit: "*O sobe-e-desce das notas, os graves e agudos, o silêncio entre uma nota e outra e a interpretação da letra são o somatório dos elementos que vão acordar as emoções*". (Revista Vida Simples, 2006, p. 52)

A música tem o poder de abrir os cadeados que colocamos em nossas emoções.

Segundo Maristela Smith, coordenadora do departamento de Musicoterapia das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), São Paulo, "Somos seres musicais em nossa essência. Ainda no útero, ouvimos música do balançar do líquido amniótico ou a canção de ninar cantada por nossas mães. O som penetra na pele".(Revista Vida Simples, 2006, p. 54)

Os médicos, diante de uma gravidez, costumam dizer que isso realmente acontece. A música penetra na pele. Orientam os pais a cantar músicas calmas e bonitas para seus filhos. Dizem que esse ato fará bem para sua personalidade. Se fará bem ou não, é muito difícil de medir, mas há relatos de pessoas que tornam esse fenômeno verdadeiro. Há o relato de uma pessoa entrevistada que passou por experiência muito interessante. Quando sua esposa estava grávida, ele cantava bem próximo ao neném a música Amor de Índio, de Beto Guedes e Ronaldo Bastos. Depois de nascer seu filho, quando ele já começava a se relacionar com o mundo à sua volta, o pai colocava essa música para tocar e a criança tinha uma reação como que se a música lhe chamasse a atenção. Era nítido o reconhecimento da melodia. Segundo relato do pai, a música, por várias vezes, acalmou a criança.

A música mexe com o todo do ser humano. Há uma interação inexorável quando uma pessoa está exposta a uma música. Todo o corpo recebe as vibrações e responde a elas, não apenas os ouvidos e seus elementos. Quem já passou a experiência de estar dentro de um recinto com música em volume alto sabe bem disso. As batidas rítmicas refletem dentro da

caixa torácica. Aliás, o tórax é a parte do corpo relativa ao ar, portanto à alma, de modo que a música toca a alma do ser humano, e isso é sagrado. Quando toca a alma, pode ter a capacidade de tocar a consciência. Quando alma e consciência se fundem, há uma predisposição para modificar uma vontade. Aliás, segundo Rudolf Steiner, o homem interage com o mundo através de três formas: o pensar, o sentir e o querer (Lanz, 2002, p.26-27). Os facilitadores, líderes e professores podem auxiliar no processo de aprendizagem, com o pressuposto da liberdade humana, mediante duas formas: no pensar, ensina-se, e no sentir, sensibiliza-se, para que, então, a pessoa possa, por si, modificar a sua vontade – querer, isto é, mover-se a algo novo.

## VÍDEO

O uso de vídeo deve ser bem mais criterioso que o uso da música. A música mexe com o imaginário, é individual, aflora as emoções de cada um à tona. O vídeo já é mais coletivo, traz uma imagem pronta. É como diz a música Televisão dos Titãs: "*ô Cride, fala pra mãe, que tudo que a antena captar, meu coração captura*" (1997, faixa 22). O aprendizado é mais rápido, porém menos livre. Ele transmite crenças que são rapidamente aceitas, sem análise, sem discussão. É como ainda diz a música Televisão, sobre a TV: "*o sorvete me deixou gripado pelo resto da vida*". Se a TV diz sorvete faz mal, ele fará mal, pois as pessoas estabelecem esta crença em sua cabeça.

As pessoas, ao se postarem à frente de um aparelho televisor, tendem a ficar fisicamente inativas, deixando apenas dois de seus sentidos em uso, e uso parcial: visão e audição.

Em razão das características de constituição de imagem do aparelho, as pessoas entram em um estado de desatenção, de sonolência e de semi-hipnose. (Setzer, 2005)

É muito fácil perceber esse fenômeno. Há vários relatos de pessoas que se dirigem a alguém que está vendo TV, e essa outra pessoa não responde ao primeiro chamado. Às vezes, faz-se necessário que se chame a atenção da pessoa, várias vezes, para que ela possa atender. Isso ocorre por força do estágio de semi-hipnose.

A semi-hipnose, seja isto dito, tem efeito no próprio programa transmitido. É em decorrência desse estágio em que as pessoas estão que os *âncoras* de jornais televisivos ficam mudando de câmera. Esse movimento tende a evitar que o telespectador durma diante do aparelho. Ao se observar atentamente um show, por exemplo, percebe-se que, no máximo, a cada oito segundos, há uma troca de câmera.

A educação, por ser processo de vivência, de conseqüência lento, não tem resultado

efetivo por meio da TV. A TV pode ser usada como um auxiliar nesse processo. Para evitar um estágio de semi-hipnose, os vídeos mostrados como ilustração do conteúdo trabalhado devem ser usados em períodos de curta duração.

Muitos autores não indicam o uso do vídeo como substituto da aula do professor. Marcos Napolitano (2003, p. 34) insere um texto de José Manoel Moran, professor de novas tecnologias da pós-graduação da ECA- USP e da Universidade Mackenzie, em que são discutidas as propostas e o uso inadequado do vídeo na sala de aula.

Segundo Moran, entre os usos inadequados estão o uso do vídeo como tapa-buraco— falta do professor ou ausência de material didático para aquela aula—, como enrolação —não tem que a ver com a matéria— como deslumbramento —usa-se só vídeo, esquecendo-se das outras dinâmicas importantes—, perfeição —apenas para questionar o que o vídeo trabalha ou sua estética—, além do tão-só vídeo —vídeo como a aula por si só, sem que se discuta seu conteúdo em momento posterior.

Como sugestão de utilização, Moran propõe o vídeo como sensibilização —para despertar a curiosidade, a descoberta de novos temas e/ou o desejo de se aprofundar na pesquisa sobre aquele tema—, o vídeo como ilustração —o vídeo traz realidades distantes dos alunos, como a Amazônia para os paulistas, as praias do Rio de Janeiro para os mato-grossenses, paulistas ou mineiros, quando não a vida noturna agitada das cidades grandes para as pessoas que moram nos chamados rincões do País, além de situar os alunos, mesmo que não fielmente, em um tempo histórico remoto—, o vídeo como simulação —um experimento químico, ou do semear à colheita, em poucos segundos—, vídeo espelho —filmam-se seus próprios gestos e cacoetes e, vendo-os, a pessoa pode perceber melhor e conscientemente sua existência. Assim, poderá corrigi-los com maior eficácia.

Levando em consideração as pesquisas realizadas para a construção deste artigo, há verdadeira eficácia apenas na sensibilização. Ela envolve todas as outras. O vídeo deve ser utilizado para gerar a generalização do conteúdo, transportando o aluno do nível I para o nível II da aprendizagem. Ao estar nesse nível, ele pode se motivar a pesquisar e a vivenciar o novo que aprendeu. Só a partir daí, só experienciando é que ele vai poder realmente internalizar a nova aprendizagem.

Waldemar Setzer (2005) é mais direto. Ele propõe o uso de filmes apenas como ilustração, mas não no sentido de ilustração proposto por Moran, mas no sentido da sensibilização por ele mesmo proposta. Waldemar, em acréscimo, só indica o uso de vídeo como auxiliar no processo de aprendizagem para jovens e adultos, nunca para crianças.

## A PESQUISA

Objeto da pesquisa foi utilizar esses dois componentes, música e vídeo, como auxiliar no processo de aprendizagem.

O método de pesquisa foi utilizado em dois grupos: um de 16, e outro de 30 pessoas. Foram dois cursos iguais, de 40 horas cada uma. Entrevistaram-se várias pessoas sobre os aspectos da música e do vídeo em sua vida.

Nas aulas, recorreu-se a 20 músicas, durante o curso, para auxílio à aprendizagem de determinados conceitos, tais como a importância do trabalho para o ser humano, a lei da colheita, nossas crenças, mudança, liderança, sucesso, gestão do tempo –equilíbrio entre trabalho, família e espiritualidade–, comunicação, relacionamento interpessoal, respeito ao ser humano, qualidade no trabalho, marketing, aceitação do outro e *feedback*.

Fez-se uso de diversos vídeos, também, para o auxílio à aprendizagem –quebra de paradigmas, formação de hábitos, qualidade no atendimento, liderança, *feedback*, comunicação, marketing, formação de equipe de alta performance, entre outros.

A utilização de músicas e vídeos nessa fase teve o intuito de possibilitar aos alunos que transpusessem a fase I de aprendizagem (ignorância) para a fase II (iniciação).

No final da realização dos módulos, foi solicitado que os alunos trouxessem, para a última aula, uma música, um poema ou um vídeo que tivesse relação com uma das matérias trabalhadas em aula e que apresentassem em forma de trabalho, descortinando as suas idéias.

O recorrer a músicas e vídeos, nessa fase, teve o intuito de possibilitar aos alunos que transpusessem a fase II de aprendizagem –iniciação– para a fase III –domínio–, já que havia a necessidade do entendimento do conteúdo trabalhado, associado à pesquisa de novas obras, para a apresentação. Intentando a concretização desse trabalho, era necessária a criação de *links* mentais entre conteúdo e obra de arte. Seria preciso rever e reviver o conteúdo.

Foi aplicada uma avaliação no término do módulo, para que as pessoas relatassem a importância do que foi trabalhado.

## RESULTADOS

De todas as apresentações trazidas pelos alunos, apenas três ficaram aquém do que foi esperado, ou seja, 6,5%. O resultado foi efetivo em 93,5%. Quarenta e três pessoas foram capazes de formular *links* mentais entre culturas diferentes –material didático e arte– e entregaram um trabalho de qualidade, até mesmo relacionando o tema liderança, por exemplo,

com pai e mãe –nossos maiores líderes e exemplos–, não ficando apenas na esfera empresarial. Com certeza, grande resultado. Conseguiram enxergar, além do que foi trabalhado. Quando se consegue a cruzar as informações de diversas culturas, é sinal de que se internalizou o conteúdo. E mais: o conteúdo foi internalizado com liberdade de pensamento, o que é mais significativo ainda.

Como resultado paralelo, houve um aumento de vinte e cinco por cento de tempo de permanência dos alunos em sala de aula, em ambos os grupos, e um aumento de sessenta e dois e meio por cento, no número médio de alunos presentes em sala de aula, no grupo com dezesseis pessoas. Não houve aumento nem diminuição no número médio de presença de alunos no grupo de trinta alunos, já que a média de presença já era alta, circunscrita a vinte e oito alunos.

O grupo de dezesseis tinha uma média de frequência em torno de oito alunos/dia. Foi conseguida uma média de treze alunos/dia, posta em prática essa metodologia.

Segundo relatos pessoais dos alunos, a metodologia de trabalho foi importante para que se concentrassem na aula. Como com música e filme se atua na alma do ser humano, o resultado foi excelente, revelou-nos a pesquisa realizada no final. O conteúdo *mexeu* intrinsecamente com a maioria dos alunos, o que pode ser muito bom, embora possa revelar seu lado ruim.

## **CUIDADOS**

É certo que a emoção ou o sorriso *abrem* as pessoas para ouvir, favorecendo o momento do aprendizado. Pode-se preparar um ambiente de emoção ou de alegria, valendo-se da música e do vídeo, de tal modo a que as pessoas entendam o facilitador e respondam, de maneira mais eficiente, à proposta de ensino empregada.

É claro, também, que é impossível o professor/facilitador se abster de suas crenças para transmitir um conhecimento. Portanto, o professor/facilitador tem uma responsabilidade imensa ao promover um ambiente de aprendizagem.

Como diz Saint Exupéry: "Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas" (1990, cap. 21). Quando se tem um instrumento que mexe com a alma humana, há muita responsabilidade sobre isso. Pode-se criar um ambiente de construção ou de destruição do ser humano.

É preciso partir de um pressuposto: a aprendizagem é do aluno e é para ele. Por isso tem que ser individualizada e livre. É importante que ele aprenda o que é preciso, e não o que o professor/facilitador ensina. Como diz a música Metade: "que as palavras que eu fale não

sejam ouvidas como prece, nem repetidas com fervor, apenas respeitadas como a única coisa que resta a um homem inundado de sentimento". (Montenegro, 2005, faixa 4)

## CONCLUSÃO

Nos estudos e pesquisas realizados é possível concluir que a música e o vídeo têm grande efeito no processo de aprendizagem.

O vídeo traduz resultado muito rápido e perigoso, porém nem tão eficiente, dado que as pessoas o vêem em um estágio de semi-hipnose, sobretudo no caso de vídeos mais longos. Vídeos curtos possuem real eficácia no princípio da generalização e pode fomentar a pesquisa sobre determinado assunto tratado, porém, como a imagem já chegou pronta, pode ter um efeito inverso, e a pessoa já achar que sabe, entrando na zona de conforto e desistindo de prosseguir no aprendizado. A depender do nível de interação proposto pelo facilitador/professor, pode ser altamente positivo, como pode ser destrutivo. Pode, ao invés de abrir os olhos do aluno, cegá-lo para aquele assunto. É como diz Ana Carolina na música Uma Louca Tempestade: "*eu quero olhar as luzes que teus olhos não me têm deixado ver*" (2003, faixa 7). O efeito do vídeo no aprendizado não pode dispor do princípio da independência, da liberdade de aprendizagem e de aceitação do conteúdo trabalhado.

A canção, por sua vez, grava a experiência vivida. É como diz a música Equalize "*Eu te transformei nessa canção prá poder te gravar em mim*" (Pitty, 2003, faixa 4). A música possibilita uma imagem não recebida, não pronta, mas a sua própria experiência, onde a cena é só sua. E a canção diz mais: "*E o tempo é só meu e ninguém registra a cena, de repente vira um filme todo em câmera lenta*". (2003, faixa 4)

A música, por ser algo intrínseco, por fazer pensar, transcender, reviver um período da vida, oferece uma ferramenta muito importante no processo de aceitação do novo. Ela busca bases essenciais para o novo aprendizado. Ela sensibiliza, por meio da emoção, para a busca do aprofundamento dos conteúdos vividos. Como diz a música Metade: "que a arte nos aponte uma resposta, mesmo que ela não saiba". (Montenegro, 2005, faixa 4)

A música dá bases sólidas para a interiorização do conteúdo e de forma livre, independente. Ouvir uma canção conscientemente obriga que o ouvinte forme imagens em sua mente, imagens suas, mediante de sua vivência, suas crença.

Uma canção pode abrir os cadeados trancados no mais íntimo das emoções de um ser humano. É preciso abrir esses cadeados para que se possa desenvolver um aprendizado real e livre, um aprendizado individual, para que se possa, dessa forma, devolver o melhor de cada um para a comunidade, para o mundo. Parafraseando Beto Guedes e Ronaldo Bastos,

precisamos mais que saber de cor, precisamos aprender. (1994, faixa 3)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BELLOTO, Tony. (1997). Televisão. Intérprete: Titãs. In: *Titãs Acústico*. WEA Music.. 1 CD. Faixa 22.
- ARANTES, Guilherme.(1995)Campos de Morango. Intérprete: Guilherme Arantes. In: *Guilherme Arantes*. São Paulo - Rio de Janeiro: SIGLA - CAST. 1 CD. Faixa 9.
- BARROS, Théó; VANDRÉ, Geraldo. (2003). Disparada. Intérprete: Jair Rodrigues. In: *A era dos festivais - Disco I*. (s.i.). Universal. 2 CDs. Faixa 3.
- CAROLINA, Ana; Uma Louca Tempestade. Intérprete: Ana Carolina. In: *Ana Carolina, Estampado*. Sony BMG. 2003. 1 CD. Faixa 7.
- EXUPÉRY, Saint. (1990). *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- GARRIDO, Toni; LAZÃO; GAMA, da; BINO.(1999).A estrada. Intérprete: CIDADE Negra. In: *Cidade Negra Hits*. Sony BMG. 1 CD. (s.i.). faixa 4.
- GUEDES, Beto; BASTOS Ronaldo. (1994).Sol de primavera. Intérprete: Beto Guedes. In: *Beto Guedes - O talento de*. Guarulhos: EMI. 1 CD. Faixa 3.
- HUNTER, James C. (2006). Como se tornar um líder servidor. Rio de Janeiro: Sextante.
- LANZ, Rudolf. (2002).Noções Básicas de antroposofia. São Paulo: Antroposófica.
- MONTENEGRO, Oswaldo. (2005).Metade. Intérprete: Oswaldo Montenegro. In: *Oswaldo Montenegro Dose Dupla - CD mais DVD*. (s.i.). Warner. 1 CD; 1 DVD. Faixa 4 CD.
- NAPOLITANO, Marcos. (2003).*Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto..
- PITTY. Equalize. (2003).Intérprete: Pitty. In: *Pitty Admirável Chip Novo*. (s.i.). Deckdisc.. 1 CD. Faixa 4.
- RIECKEN, Cláudia. (1999).*Autonomia para Vencer: como capacitar pessoas, empresas e comunidade para o sucesso*. São Paulo: Editora Gente.
- SANTOS, Marcos Ferreira; PORTO, Rosário S.; TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches; BANDEIRA, Maria de Lourdes (orgs). (2000).*Tessituras do imaginário: cultura e educação*. Cuiabá: Ediunic/CICE/FEUSP.
- SEJA Amigo da Mudança .Vídeo. São Paulo: Commit. (s.i.). 1 Videocassete.
- SETZER, Waldemar W. (2005).*Meios eletrônicos e educação, uma visão alternativa*. São Paulo: Escrituras Editora.
- TEMPOS Modernos. Produção United Artists. EUA: ALTAIA. (s.i.). 1 Videocassete.
- Vida de Inseto. (2000).EUA: Disney-Pixar, , 1 DVD.
- Vida Simples. ( 2004). São Paulo: Editora Abril. n.40, abril 2004. 84 p.
- XAVIER, Ricardo de Almeida Prado. (2003).*Em cartaz: aprendendo com as emoções do cinema*. São Paulo: Editora STS.